

As festas de chicha guarani no relato jesuítico

Maria Cristina Bohn Martins

Já se disse com propriedade que os missionários que atuaram no continente americano a serviço das monarquias ibéricas, foram os inventores da etnografia. Motivados pela necessidade de melhor conduzir seu apostolado, os religiosos procuraram conhecer profundamente a língua e a cultura dos grupos indígenas que deveriam evangelizar e converteram-se em verdadeiros memorialistas do passado e da cultura indígena¹.

Na região platina, em território da chamada Província do Paraguai², em que pese o também importante trabalho desenvolvido pelos franciscanos³, foram os membros da Companhia de Jesus que, mais sistematicamente, encarregaram-se de registrar em cartas, crônicas, relatórios, histórias e trabalhos lingüísticos, o "modo de ser" dos índios guarani, a mais numerosa dentre as tribos da região à época.

Se na grande maioria das páginas daí resultantes faltam aquelas características que Christian Duverger encontra no "trabalho etnográfico" dos franciscanos no México ("primero un escuchar, una simpatía, una mirada posada en el otro, una disposición de alma que lleva en sí el deseo de comprender"⁴), os jesuítas foram, inegavelmente, para os Guarani, os mais importantes e ativos cronistas dos costumes e práticas que deveriam combater em nome do cristianismo.

No entanto, se as informações registradas pelos membros da Companhia de Jesus compõem, via de regra, o mais importante conjunto de dados dos quais dispomos para investigar a sua

¹ Para Christian Duverger, foram os franciscanos, verdadeiros arqui-visitantes do paganismo que queriam combater no México, os inventores do método etnográfico. Ver: DUVERGER, Christian. *La conversión de los indios de la Nueva España*. Con el texto de los Coloquios de los Doce de Bemarcüno de Sahagún (1564). México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

² A antiga Província do Paraguay abrangia, na época colonial, limites bastante mais extensos que os da moderna República Paraguai. Recebendo o nome do rio que a banhava, compreendia uma imensa região que estendia-se entre Brasil e o Peru até o Prata e o Oceano Atlântico. O antigo Paraguay limitava-se pois, ao norte, com a Capitania de São Vicente, pois a tinha imaginária a separar os territórios de Portugal, passava sobre o iguape, no atual Estado de São Paulo; ao sul com o Rio da Prata, a leste com o Oceano Atlântico e a oeste com a Província de Tucumán, atualmente território argentino. Os atuais Estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e sul do Mato Grosso, subindo daí até a bacia do Amazonas, eram jurisdição do Paraguay. O Uruguai e a Argentina, com exceção de Tucumán, igualmente estavam sob sua jurisdição. No atual território boliviano, o Paraguay limitava-se com a Província de Santa Cruz de la Sierra.

³ Ver: NECKER, Louis. *Indios Guaraníes y Chamanes Franciscanos. Las primeras reducciones del Paraguay. (1580 - 1800)* Asunción: Centro de Estudios Antropológicos; Universidad Católica, 1990. (Biblioteca Paraguaya de Antropología, n. 7).

⁴ DUVERGER, 1993, p. 156.

realidade cultural anterior ou paralelamente ao processo de colonização, estes registros têm, como característica talvez mais importante, o seu "*reducionismo*"⁵.

Ou seja, o condicionante de estarem atuando em um processo de redução dos índios à "*vida política e humana*" como pré-condição para a cristianização, informa toda esta produção literária que veio a se constituir em documentação histórica.

O referido reducionismo opera então, sobre a documentação não apenas fragmentando a realidade, como, ainda, traduzindo-a a partir de categorias estranhas à cultura que está sendo descrita:

*"De hecho las dos operaciones se condicionan mutuamente. Los dados consignados en los documentos escritos son fragmentarios, no sólo porque no abarcan todos los aspectos de la vida real de los Guaraní (...), sino porque no dejan de ver esa realidad ya traducida según las categorías propias del observador, que en ningún momento se desprende de su condición de "reductor". Al hacer la traducción de la realidad guaraní a la mentalidad misionera de aquel momento histórico, esa realidad en seguida es relativizada, connotada y modificada a partir de un sistema de significado ajeno"*⁶.

Desta forma, no que toca ao conjunto de práticas sociais que envolviam o consumo de bebidas alcoólicas pelos índios, esta operação acaba por traduzir as "festas de chicha" em "borracheras": um "vício generalizou entre as populações indígenas.

Assim, o P. Pedro Lozano disse sobre os Chiriguano que eram "sobremanera dados a embriaguez"⁷, enquanto Cardiel relacionou a inclinação de Mocobíes e Abípones à bebida, entre os "vícios comuns aos índios americanos", ao lado da feitiçaria, superstições e luxúria⁸.

Charlevoix disse dos Guaicurús que "una de sus pasiones dominantes es la borrachera, y ésta hace perder toda esperanza de amansarlos"⁹ e, sobre os Chiquitos, "*ni aun se ha observado entre ellos ninguna indignación viciosa, como no sea la borrachera, cuyo hábito contraían desde la infancia*"¹⁰.

⁵ sMELIÁ, Bartomeu. El "modo de ser" guaraní en la primera documentación jesuítica. (15411632). In: El Guaraní. Conquistado y Reducido. *Ensayos de Etnohistoria*. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos: Universidad Católica, 1988, (Biblioteca Paraguaya de Antropología, v. 5), p. 93-129.

⁶ MELIÁ, 1988, p. 97-98.

⁷ LOZANO, P. Pedro SJ., Descripción Chorographica del terreno, rios, árboles y Animales de las dilatadísimas Provincias del gran Chaco Gualamba: y de los ritos y costumbres de las innumerables Naciones bárbaras, e infieles que las habitan: etc. Córdoba, 1753, p. 48. Cit. por: RUIZ MORENO. Anibal. La lucha antialcoholica de los jesuitas en la epoca colonial. In: *Revista Estudios*. n.62, Buenos Aires, 1939, p. 332-352 e 423-44e, p. 341 .

⁸ "tenían todos los vicios comunes a toda nación de infieles americanos, la hechicerfa, embriaguez y lujuria en la pluralidad de mujeres, y sobre esto varios ritos supersticiosos" In: FURLONG, Guillermo S.J. José Cardiel S.J. y su Carta Relacibn (1747). *Escritores Coloniales Rioplatenses II*. Buenos Aires: Libreria det Plata, 1953, p. 169

⁹ CHARLEVOIX, P. Pedro Francisco Javier de. SJ., História del Paraguay escrita en francés pr el P. Pedro Francisco Javier de Charlevoix de la Compania de Jesús, con las anotaciones y correcciones del P. Muriel, traducida al castellano por el P. Pablo Hernández. 6 tomos. Madrid: Libreria General de Victoriano Suárez, 1910-1916 , T.I, (1910) , p. 134.

¹⁰ CHARLEVOIX, 1910 , p. 134.

A ânuia de 1645-1647, ao referir-se aos Calchaquíes, qualifica-os de "*célebres por el salvajismo, supersticiones y perpetuas borracheras*".¹¹

Sobre os Pulares, Diaguitas e Calchaquíes, Diego de Torres anotou: "... sobretudo las borracheras son tantas y tales que tienen lo más del año sin entendimiento fieros y hechos fieras".¹²

As festas guaranis, com seus correlatos de dança e cantos, banquetes e "chichan, também foram alvo do relato histórico desde os momentos iniciais da Conquista do território platino e, neste relato, como provocadoras de situações passionais e irracionais, elas estariam na origem de vários dos "*males*" e "*defeitos*" da sociedade indígena.

Recém chegado ao Paraguai, em 1594 o Padre Alonzo Barzana é o responsável por uma das primeiras notícias a seu respeito, ao denunciar a existência entre estes índios de certos feiticeiros, "*cuya principal doctrina es enseñarles a que bailen, de día y de noche, por lo cual vienen a morir de hambre, olvidadas sus sementeras*".¹³

Embriaguez e luxúria são uma associação constante no discurso missionário jesuítico, sendo o álcool o instigador de pecados *feisimos y nefandos*".¹⁴

*"Cantan solemnemente, se juntan indistintamente personas de toda edad, sexo y parentesco. Beben a porfía, cubas enteras se vacían sin dar tiempo a respirar. Se arman conjuntos de baile de los más elegantes e danzan hasta que Baco los tumba por el suelo. Pasan veladas enteras en el paroxismo de la locura y del más desvergonzado desenfreno. Todo está permitido frente a cualquier persona en razón de las sagradas leyes de la borrachera. De ahí surgen aberraciones que a cualquier ser humano le da vergüenza contar. No se perdona a las doncellas, no se respeta ni la madre. No hay diferencia ninguna entre los cónyuges. La pasión hace furor incluso con otros varones, y hombres con hombres cometen las mayores torpezas"*¹⁵.

O Provincial Diego de Boroa, por exemplo, constatando o impressionante declínio demográfico observado na região da cidade de Santiago del Estero, onde, segundo seu depoimento, foi possível contar-se 86.000 índios "*empadronados*"¹⁶ por volta de 1552, e, cerca de 80 anos depois, apenas 1500, responsabiliza a mortandade, não pelas duras condições impostas aos "*índios de servicio*", e sim aos "*...manifiestos errores y con una perversión de las voluntades con que*

¹¹ Cit. por: RUIZ MORENO, 1939, p. 342.

¹² In: Cartas Ânuias de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesus. Con advertencia de Emilio Ravignani e Introducción del P. Carlos Leonhardt. Buenos Aires: Talleres, Casa Jacobo Peuser, 1927-1929, t. 1 (Documentos para la Historia Argentina, t. XIX, Iglesia), p. 95 (Cat: 95)

¹³ Carta de Alonso Barzana de 1594. In: Monumenta Peruana. Edição de Antonio Egaña. Roma: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1954-1981, p. 591, v.5. Também em: FURLONG, Guillermo. Alonso Barzana, S.J. y su carta a Juan Sebastián (159~). Buenos Aires: Ed. Theoria, 1968, p. 93

¹⁴ MAEDER, Ernesto. CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. (1632-1634) Buenos Aires: Academia Nacional de La Historia, 1990, p.p. 21-32

¹⁵ A observação é de Acosta sobre os incas. ACOSTA, José de. Ds Procuranda Indorum Salute. Estudio Preliminar de Luis Pereris. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1984. 2 v., v. 1: Pacificación y Colonización, cap. XXI, p. 565.

¹⁶ repartidos em "encomienda".

ciegamente se despeñan en toda surte de vicios principalmente en los de la embriaguez y luxuria ..."¹⁷

Outra associação recorrente na documentação é aquela que encontra nas bebedeiras uma inspiração demoníaca. Portanto, a embriaguez não é execrada somente por provocar comportamentos de moralidade condenável, mas especialmente por ser uma manifestação concreta da ação do Demônio sobre estes povos ignorantes da verdadeira fé:

*"El demonio se hace fuerte con ellos, por ser éste (de la embriaguez) su castillo roquero y la red barredera en que los coge: porpue fuera del mal que de suyo tiene, está hermanado con la desonestidad, como dice San Pablo"*¹⁸.

A força do imaginário moral e religioso dos Padres acaba por transferir-se para a linguagem, contribuindo para preencher os relatos com imagens cuja tônica é, via de regra, a selvageria, fealdade e ferocidade dos índios:

*"En semejantes celebridades se pintaban el cuerpo con colores y rayas que los hacían aparecer horribles y fieros, anadiendo mayor deformidad á su práctica la estupenda gritería, confusión y estruendo de bocinas, flautas y atambores que resonaban sin cesar mientras duraba la borrachera"*¹⁹

*"Las mujeres de estas tierras son desvergonzadas. Borrachas, la cara horriblemente pintada, bailan unas danzas verdaderamente abominables"*²⁰.

A ligação com o ritual antropofágico contribuía ainda para dar às "festas de chicha" uma dimensão ainda mais terrível: inspirados pelo demônio em seus "*festivals de Baco*", os Guarani, de forma abominável, banquetevam-se com a carne de seus inimigos:

*"Pues es costumbre de los indios de guerra, vengarse de sus enemigos de una manera atroz, despojando al cautivo y matándolo durante sus borracheras ..."*²¹

Muito cedo estabelece-se, pois, um olhar de denúncia e condenação em relação a estes "festivals pagãos". Também muito cedo os missionários da Companhia de Jesus perceberam que o valor conferido pelos guaranis às suas festas seria um dos problemas a serem superados pela ação "civilizatória" e evangelizadora.

Já se disse que compreender-se a dimensão da festa entre os Guarani é essencial para o conhecimento do seu ideal de sociedade. E hoje, assim como ontem, a situação de uma comunidade, sua vitalidade ou eventuais crises, aparecem significadas de imediato na frequência e

¹⁷ MAEDER, 1990, p.31-32.

¹⁸ CARTA DEL P. PROVINCIAL PEDRO DE OÑATE en que se relaciona el acaecido durante el año de 1616. In: Cartas Anuas de la Provincia del Paraguai, Chile Y Tucumán de la Compañía de Jesus. Con advertencia de Emilio Ravignani e Introduccibn del P, Carlos Leonhardt. Buenos Aires: Talleres, Casa Jacobo Peuser, 1927-1929, t. 2. (Documentos para la Historia Argentina, tomo XX, Iglesia), p. 85 (CAII: 85)

¹⁹ HERNÁNDEZ, Pablo. *Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesús*. Barcelona: Gustavo Gilli, t 913, p. 74:

²⁰ MAEDER, Ernesto. *CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. (1637-1639)* Buenos Aires: Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 1984, p. 171.

²¹ QUINTA CARTA ANUA DEL P. DIEGO DE TORRES, DE ABRIL DE 1614 In: CAI: 378.

qualidade de suas festas.²² Ela é, de fato, uma notável força de integração social, o momento em que a sociedade se reconhece, afirma normas de vida coletiva e laços de solidariedade, partilha conhecimentos e sentimentos comunitários.

Rituais de iniciação, denominação, de primeiras colheitas, ou outros, são ocasião para festas comunitárias ou até mesmo intergrupais, efetuadas em contextos revestidos de simbolismo. Nessas ocasiões, visitantes e anfitriões engajam-se em jogos, danças, cantos, troca de notícias, de presentes e alimentos. É comum a preparação prévia de muita comida (produtos da roça, carne, peixe, etc) e cerveja para aguardar a chegada dos convidados em visitas que podem se estender por longo tempo.

O trabalho comunitário, *poxirõ*, enseja igualmente suas celebrações, com os parentes convidados a participarem de uma empresa coletiva, sendo recebidos com farta distribuição de comida e bebida.

Portanto, vários acontecimentos - uma investida guerreira, uma caçada exitosa, uma colheita abundante, a acolhida aos parentes e aliados, ou o rito antropofágico - oportunizavam festas de chicha. Estas, por sua vez, favoreciam a ocorrência de convites, muitas vezes inter-comunais, extensivos, às vezes, a todo o "guará"; reafirmando vínculos de parentesco e alianças sócio-políticas.

A festa e o festejar, com os bailes, cantos e "bebedeiras" que lhes são correlatos, foram também instrumento de resistência guarani ao colonialismo: resistência ao trabalho compulsório na encomenda, resistência à redução nas aldeias jesuíticas:

"Los padres de su parte hacen ciertamente lo posible para librar a los indios de su ignorancia, pero estos adelantan muy poco en deshacerse de sus malas costumbres y supersticiones antiguas, aunque asistan al catecismo. Ya cerca de dos años habían trabajado los Padres desesperadamente, y todavía no se vió mejoría de costumbres, tan indomable es esta gente, tan dura de cabeza, y de tanta bajeza de carácter No les entran los consejos de los Padres. Así es espantosa entre ellos la borrachera, haciéndose un brevaje fermentado de miel sívestre aumentádo su eficacia para embriagar cierta flor de campo, de donde sacan la miel las abejas. A consecuencia de esta ebriedad son frecuentes abortos, peleas, asesinatos, y a veces verdaderas batallas entre las diferentes tribus de indios".²³

Os Guarani apegavam-se às suas festas, afirmavam-se como Guarani através delas, fazendo da *cauinagem*, dos cantos e danças a marca do seu rechaço à conquista.

O padre Del Techio conta que, nos momentos iniciais da evangelização do Paraná, os jesuítas tiveram que enfrentar a oposição de um poderoso mago "*famoso por sus crueldade*" que, diante da presença dos missionários na área, "*viajó luego por varias regiones, enseñando en todas falsas doctrinas y separando á cuantas personas podía del culto de Cristo*".

²² MELIÁ, Bartomeu. *El Guarani: experiencia religiosa*. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología: CEADUC:CEPAG, 1991, p.45.

²³ MAEDER, 1984, p. 169-170

O "feiticeiro" pregava entre os índios incitando-os: "... *vivid (...) según las antiguas costumbres, entre bailes y libaciones, celebrando la memoria de los antepasados*"²⁴.

Embalada por cantos e danças cerimoniais, a festa guarani vêm ainda a constituir-se na expressão mais evidente de uma religiosidade que não conhece doutrina, ídolos ou templos. O discurso missionário jesuítico no entanto, desvinculando-a de seu sentido ritual e religioso, do seu valor simbólico para a manutenção da coesão grupal, orientou-se por uma perspectiva em que as bebedeiras eram associadas a manifestações de selvageria, barbárie e imoralidade.

Fora de seus nexos cerimoniais, o consumo da chicha é percebido como embriaguez, manifestação de vício de caráter e falta de virtudes morais e espirituais, merecendo a mais irada das condenações.

"¿ Para qué vamos a describir el hedor del aliento, la fealdad de los gestos, los andares vacilantes, la temeridad en decir cualquier disparate, la repelente suciedad del cuerpo y la demás inmundicia y asquerosidad, que hace que en breve el hombre parece que se ha convertido en una bestia"²⁵.

Não apenas bárbaras e imorais, as bebedeiras indicam para os religiosos, que expressam, em última análise, o pensamento religioso, ético e moral do Ocidente à época, a servidão à entidades demoníacas:

*"Estaban una vez muchos indios congregados en una borrachera y una india con curiosidade de ver lo que entre ellos pasava se puso en asecho y vió al demonio vestido de blanco de pies a cavera regosijado bebiendo con ellos y en medio como precidiendo en aquella bestial junta, buelta la índia a su casa la fue siguiendo el demonio y hallándola sola la saludó con su acostumbrada frace, estas aquí, y tuvo con ella muchas acciones lascivas ..."*²⁶.

Se não havia, entre os índios da região platina, ídolos ou templos como manifestações tangíveis do demônio, sua ação nefasta podia, porém, ser detectada nas "borracheras" que acabaram estigmatizadas por um olhar também demonizador.

O P. Pedro de Lozano, referindo-se aos habitantes da região de Tucumán condenou as cerimônias em que, "con grandes borracheras y festines a su usanza antigua llamando al Demonio ao son de flautas, [...], atambores y cabacillos huecos con piedras dentro, instrumentos ordinarios de los hechiceros para darle culto e invocarle"²⁷.

Os excessos e a "libertinagem sexual" são, aos olhos dos missionários, a manifestação concreta do mal entre os indígenas, mal que só poderia ser afastado com uma ação enérgica:

*"Andava corriendo los pueblos y casando algunos que avia dexado apalabrados (...)*quando muy acaso tuvo nueva que en otros pueblos donde él no avia podido llegar avia

²⁴ DEL TECHO, Nicolas. *Histbria de la Provincia del Paraguay de la Companfa de Jesús*. Madrid: Librería e Casa Editorial A de Uribe y Compañía, 1897. 7 tomos, Tomo III, p. 176, 177 e 178 respectivamnetne.

²⁵ ACOSTA, José de. *De Procuranda Indorum Salute. Estudio Preliminar de Luis Perens*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1984. 2 v., v. 1: Pacificación y Colonización, cap. XXI, p. 557.

²⁶ MAEDER, 1990, p. 32/33.

²⁷ LOZANO, 1939, p. 341

avido el día antecedente que fue domingo una muy solemne borrachera de la qual avían quedado (con muy de ordinario suelen) dos indios descalabrados. Torció luego el camino para ellos y fue volando a buscarlos por aver entendido corrian peligros sus vidas, estaban congregados desde el día antecedente todos los indios de tres pueblos y otros muchos de las vezinas estancias y avian ya comenzado a beber y a cevar el furor de la borrachera passada que avia ya desbrabado y ellos si no es tres o quatro cobrado su juicio. Metiose el Padre en su rueda y comenzó con mucho fervor a pñ-dicarles y hazerles reçar y cantar la doctrina y entreteníalos para que engañado assi el tiempo y passandose el día se impiediesse tan grande número de peccado pero ya cansado les dixo que quería hazer prueba de quienes eran del vando de Satanás y quienes del de Cristo y que para esto en nombre de cada pueblo se levantasse un cacique y le sacrificasen un cántaro de su chicha (es el licor que les priva de su juicio esprimido de varias legumbres y frutas que tienen mas fuerça para embriagarlos que el vino mas generoso) dexando-la beber y vertiendola pues en la borrachera pasada de la avía llevado toda el demonío. A estas palabras se pusieron luego en pié tres cazipues y el uno de ellos asiendo de las tinajas comenzó a verterlas y aiudandole el Padre por su parte. Mas los otros dos embriagados tanto del furor del vino como de la cólera y zaña asieron de sus arcos y tras ellos sus vaçallos con el mesmo coraje que eran muchos viendo a sus caziques alvorotados y retirándose al monte algunos pasos (...)”²⁸.

Embora empenhado em ligar as bebedeiras às manifestações de barbarismo, erros de conduta e mesmo de caráter dos índios, as observações dos missionários não deixam porém, de evidenciar, em várias passagens, o caráter ritualístico da ingestão de bebida, parte de cerimônias e celebrações.

Percebe-se pois, que o consumo de bebidas alcoólicas não é, neste contexto, um ato individual e praticado isoladamente, estando associado a uma prática de consumo social que segue normas tradicionais de conduta.

Nathan Wachtel apontou com lucidez que um dos sintomas mais dramáticos da ruptura das culturas nativas americanas pode ser encontrado na mudança qualitativa que assumiu o consumo do álcool, um fenômeno advertido por vários cronistas.

Nas sociedades pré-colombianas, normas estritas regulavam o seu uso, quer o pulque no México, quer a chicha andina, que só poderiam ser consumidas em ritos religiosos em que a bebida punha os homens em contato com o sagrado²⁹.

Foi apenas após a Conquista, de acordo com Wachtel, que a utilização ritual do álcool deixou de diferenciar-se do consumo por razões seculares³⁰.

Enfrentados com a propagação do alcoolismo, os espanhóis adotaram uma política ambígua. Se de um lado combatiam-no por razões morais, de outro estimulavam o consumo na medida em que vendiam aos índios o vinho, de teor alcoólico mais elevado e, por conseguinte, de efeitos mais severos que as bebidas tradicionais.

²⁸ MAEDER, 1990, p. 53.

²⁹ WACHTEL, Nathan. Los índios y la conquista española. In: BETHEL, Leslie. (org.). Historia de América Latina. 1. América Colonial: La América precolombina y la conquista. Madrid: Crítica, 1992. p.170-194.

³⁰ WACHTEL, 1992, p. 188.

“Así, en los relatos españoles, el alcoholismo se convirtió en un rasgo típico de la sociedad nativa. Pero simplemente reflejaban la importancia de los indios que intentavam mediante el uso del alcohol escapar de un mundo que les habia convertido en absurdo y trágico”³¹.

Consideradas portanto, não apenas origem de comportamentos imorais, como também *"fomentadoras de la idolatria"*, tornava-se evidente para os missionários a necessidade de que *"se las elimine y se las borre del mapa con la mayor diligencia"*³², uma vez que, segundo registraram os próprios religiosos, *"en tiempo de chicha no hay que hablarles de Dios"*³³

A mesma impressão, aliás, tinha o primeiro Provincial da Companhia de Jesus no Paraguai para quem o índio guarani “tiene [...] un impedimiento ps ser Christiano[s], y es que todas las mañanas las dos, o las tres, se levantan a beuer, y dura la borrachera hasta que amanezca [...]”³⁴.

Desta forma, além de constituírem-se em uma prática condenável por estimular comportamentos imorais, as bebedeiras eram incompatíveis com a pregação do cristianismo: *“para decirlo brevemente, en tres puntos concretos causa grave daño la embriaguez: el curpo, las costumbres: el curpo, las costumbres y la fé [...]”³⁵.*

O Primeiro Concílio do Rio da Prata em 1603 preocupou-se diretamente com a questão, tendo estabelecido a erradicação das bebedeiras como meta a ser perseguida. Podemos assim encontrar na Parte IIIª das disposições sinodais, no enunciado da 6ª Constituição o chamamento para *"que se quiten las borracheras y supersticiones de los indios"*:

“Tengan los curas cuidado de inquirir y castigar los indios hechiceros, porque son pestilencia que inficiona los pueblos; y particularmente tengan de quitar los llantos y ritos supersticiosos que tienen en las muertes de los indios. Y ansimismo encargamos que procuren evitar en cuanto audieren las borracheras, que son origen de las idolatrias. horribles incestos. muertes. y otros daños causados por ellos.”³⁶

No entanto, embora não explicitem-no diretamente os religiosos não deixam de reconhecer um valor mais complexo às bebedeiras do que a mera expressão de selvageria dos índios, como o mesmo Diego de Torres afirmou em 1609: *"la embriaguez q. la tienen por honrra [...]”³⁷.*

O P. Diego de Boroa, por exemplo, recolhe a sua ligação com os rituais envolvidos no trabalho comunitário:

"... en veniendo de alguna caza o pesca, y al tiempo de labrar sus chacras, todos se juntaban a beber y emborracharse, y en acabando el vino de una casa, pasan a otra, con muchos plumajes, muy pintados e embijados c~on una fiereza que parecen demonios”³⁸.

³¹ WACHTEL, 1992, p. 188.

³² ACOSTA, 1984, p. 565.

³³ A impressão é do P. Manuel Canelas SJ, referindo-se aos índios Mocobíes. cit. por: RUIZ MORENO. Anibal. 1939, p. 342.

³⁴ TERCEIRA CARTA ANUA DO P. DIEGO TORRES, de abril de 1611. In: CAI: 88.

³⁵ ACOSTA, 1984, p. 555.

³⁶ MATEOS, Francisco S. J. El Primer Concilio del Rio de la Plata en Asunción (1603). In: *Misionária Hispánica*. Madrid, a. XXBI, n, 78, 1969, p. 353. (ogrifo é nosso)

³⁷ CARTA ANUA DO P. DIEGO TORRES, de maio de 1809. In.: CAI: p. 18.

³⁸ CALL: 83

O Provindial Pedro de Onate, assim, se de um lado acusou uma dimensão demoníaca para a borrachera, por outro, apontou sua relação com a reunião do Conselho que deliberaria a respeito de decisão importante para a comunidade.

"(...) y el dia seguinte llegamos cerca del Iguazu (y el demonio diomuestras de lo que sentia nuestra llegada , porque) el mismo dia avian hecho los indios una junta general con una gran borrachera (que estos son los concilios que juntan para determinador cozas de grande importanzia) para tratar si nos dexarian entrar o no y para mayor solemnidad avíam muerto un hombre que tenfan cautivo, (...)"³⁹.

O próprio fato de impor-se a absorção de bebidas fermentadas todas as vezes que estava em jogo o interesse da comunidade, evidencia que o ato revestia-se de um caráter especial⁴⁰. Segundo sabemos a respeito dos Tupinambá, seu consumo estava rigorosamente interdito às crianças, e o

adolescente só se considerava núbil a partir do dia de sua participação na borrachera organizada para festejar a própria virilidade⁴¹.

O álcool é considerado como uma droga social, e seu consumo está associado ao reforço dos laços do grupo que compartilha o beber, ou ao alívio catártico das tensões sociais. Também considera-se que, tanto as beberragens quanto a ingestão de alucinógenos, propiciam o transe capaz de estabelecer o contato com o mundo dos espíritos. O seu consumo, ao lado das dança entremeadas de cânticos ou cortadas por alaridos, conferem leveza ao corpo, habilitando-o para o encontro com o sagrado.

Esta percepção, no entanto, requer uma sensibilidade diferenciada em relação ao trato com as fontes, um trabalho de crítica sobre as mesmas que se torna possível a partir da utilização pelo historiador do aporte antropológico e sua experiência com a relativização.

Se este vem sendo um caminho que a história tem trilhado contemporaneamente, a historiografia mais tradicional a respeito da ação missionária jesuítica no Prata incorporou acriticamente o relato jesuítico, entendendo que o documento era, em si próprio, a expressão da verdade.

Para Furlong, por exemplo, a borracheira era um entre os vários "vícios" que *"predominavam entre os guarani"*. Nas suas cauinagens o historiador não encontra nenhum caráter cerimonial e, segundo ele,

"las borracheras no eran actos religiosos reservados entre los Guaranies para ocasiones especiales y para circunstancias particulares, sino que era una costumbre diaria. Era lo habitual. Sólo el instinto de conservación, o la necesidad de adquirir lo necesario para la vida, o falta de materia prima con que hacer sus brebajes, o la conveniencia de estar

³⁹ Carta do Provincial Pedro de Onate de 1620. In: CAII: 278-279.

⁴⁰ MÉTRAUX, Alfred. A religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribos tupi-guaranis. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Pauto, 1879, p. 17.

⁴¹ MÉTRAUX, 1979, p. 171

*alertas contra posibles o probables enemigos, los alejaba a las veces de su inveterado vicio*⁴².

No século XVII, ao tempo do estabelecimento dos povoados missioneiros onde os Guaranis deveriam ser aldeados para viver "*política e humanamente*"⁴³, se os missionários tinham na erradicação das cauinagens, das festas de chicha, uma determinação inegociável, os índios, por seu lado, aferravam-se fortemente a uma prática vital para que a comunidade mantenha o seu tekó, o seu modo de ser tradicional. A manutenção do arete (festa) aparecia assim, ao tempo dos primeiros embates entre guaranis e religiosos, como elemento de afirmação da identidade grupal contra o novo modo de ser proposto pelo sistema colonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, José de. De *Procuranda Indorum Salute*. Estudio Preliminar de Luís Pereñs. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1984. 2 v., (v. 1 : Pacificación y Colonización, cap. XXI)
- Cartas Ânuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesus*. Con advertencia de Emilio Ravignani e Introducción del P. Carlos Leonhardt. Buenos Aires: Talleres, Casa Jacobo Peuser, 1927-1929, (Documentos para la Historia Argentina, t. XIX e XX Iglesia) (CAI e CAII)
- CHARLEVOIX, P. Pedro Francisco Javier de. SJ., *Historia del Paraguay* escrita en francés pr el P. Pedro Francisco Javier de Charlevoix de la Compañía de Jesús, con las anotaciones y correcciones del P. Muriel, traducida al castellano por el P. Pablo Hernández. 6 tomos. Madrid: Librería General de Víctoriano Suárez, 1910-1916 , T.I, (1910).
- DUVERGER, Christian. *La conversión de los indios de na Nueva España*. Con el texto de los Coloquios de los Doce de Bernardino de Sahagún (1564). México: Fondo de Cultura Económica, 1993
- FURLONG, Guillermo S.J. *José Cardiel S.J. y su Carta Relación (1747)*. Escritores Coloniales Rioplatenses II. Buenos Aires: Librería del Plata, 1953.
- FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*. Buenos Ayres: Imprenta Balmes, 1962.

⁴² FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*. Buenos Ayres: Imprenta Balmes, 1 %2. pg 76.

⁴³ MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Conquista Espiritual Hecha por los Religiosos de la Compañía de Jesus en las Provincias de Paraguay, Parana, Uruguay y Tape*. Estudio preliminar y notas Dr. Ernesto J. A. Maeder. Rosario: Equipo Difusor de Estudios de Historia Iberoamericana, 1989.

- FURLONG, Guillermo. *Alonso Barzana, S.J. y su carta a Juan Sebastián (1594)*. Buenos Aires: Ed. Theoria, 1968.
- HERNÁNDEZ, Pablo. *Organización Social de las Doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesús*. 2 tomos. Barcelona: Gustavo Gili Editor, 1913.
- LOZANO, P. Pedro SJ., *Descripción Chorographica del terreno, rios, árboles y Animales de las dilatadísimas Provincias del gran Chaco Gualamba: y de los ritos y costumbres de las innumerables Naciones bárbaras, e infieles pue las habitan: etc. Córdoba, 1753*.
- MAEDER, Ernesto. *Cartas Anuas de la Proivincia Jesuitica del Paraguay. (9632-1634)* Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 1990.
- MAEDER, Ernesto. *Cartas Anuas de la Proivincia Jesuitica del Paraguay. (1637-1639)* Buenos Aires: Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 1984.
- MATEOS, Francisco S. J. *El Primer Concílio del Rio de la Plata en Asunción (1603)*. In: Misionália Hispánica. Madrid, a. XXI, n, 78, 1969.
- MELTÁ, Bartomeu. *El "modo de ser" guaraní en la primera documentación jesuítica. (1541-1632)*. In: El Guarani. Conquistado y Reducido. Ensayos de Etnohistoria. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos: Universidad Católica, 1988, (Biblioteca Paraguaya de Antropología, v. 5), p. 93-129.
- MELIÁ, Bartomeu. *El Guarani: experiencia religiosa. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropologia: CEADUC:CEPAG, 1991*.
- MÉTRAX, Alfred. *A religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribos tupi-guaranis*. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Conquista Espiritual. Hecha por los Religiosos de la Compañía de Jesus en las Províncias de Paraguay, Parana, Uruguay y Tape. Estudio preliminar y notas Dr. Ernesto J. A. Maeder. Rosario: Equípo Difusor de Estudios de História Iberoamericana, 1989. Monumenta Peruana. Edição de Antonio Egaña. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1954-1981, p. 591 , v.5.*
- NECKER, Louis. *Indios Guaraníes y Chamanes Franciscanos. Las primeras reducciones del Paraguay. (1580 - 1800)* Asunción: Centro de Estudios Antropológicos; Universidad Católica, 1990. (Biblioteca Paraguaya de Antropología, n. 7).
- RUIZ MORENO. Anibal. La lucha antialcoholica de los jesuitas en la epoca colonial. In: *Revista Estudios*. n.62, Buenos Aires, 1939, p. 332-352 e 423-446, p. 341.
-

WACHTEL, Nathan. *Los índios y la conquista española*. In: BETHEL, Leslie. (org.) *Historia de América Latina*. 1. América Colonial: La América precolombina y la conquista. Madrid: Crítica, 1992. p. 170-194, p. 188.